



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

ALLYSON CARVALHO DE ARAÚJO (2)

(depoimento)

2017

CEME-ESEFID-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpendo Memórias

Número da entrevista: E-817

Entrevistado: Allyson Carvalho de Araújo

Nascimento: 13/03/1982

Local da entrevista: Natal-RN

Entrevistadora: Bruna Priscila Leonizio Lopes

Data da entrevista: 20/06/2017

Transcrição: Bruna Priscila Leonizio Lopes

Copidesque: Mayara Cristina Mendes Maia

Pesquisa: Mayara Cristina Mendes Maia

Revisão Final: Silvana Vilodre Goellner

Total de gravação: 42 minutos

Páginas Digitadas: 6

Observações:

Entrevista realizada para a produção do e-book *Esporte da Escola: experiências na formação continuada e em serviço*, organizado por Silvana Vilodre Goellner e Mayara Cristina Mendes Maia.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

Inserção no Programa Segundo Tempo; Participação no Programa Esporte da Escola; Ministério do Esporte e Ministério da Educação; Equipe Pedagógica do Programa Segundo Tempo; Políticas públicas de Esporte e Lazer; Função e interesses de monitores; Experiência na formação de agentes sociais; Avaliação do Esporte da Escola.

Natal, 20 de junho de 2017. Entrevista com Allyson Carvalho de Araújo a cargo da pesquisadora Bruna Priscila Leonizio Lopes para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

B.L. - Olá, professor Allyson! Você poderia nos contar quando e como iniciou o seu envolvimento com o Esporte da Escola?

A.A. - Meu envolvimento com o Esporte da Escola se inicia num processo de transição onde, a partir de uma articulação do Ministério do Esporte, ainda na estrutura do Programa Segundo Tempo com o Ministério da Educação dentro do Programa Mais Educação, começou a afinar alguns tipos de ações, ajustando para que um pouco da expertise do Programa Segundo Tempo migrasse para o macro campo Esporte e Lazer, dentro do Programa Mais Educação, configurando assim, portanto, o Esporte da Escola. O Esporte da Escola começou como uma das possíveis atividades do macrocampo Esporte e Lazer, até depois tomar uma proporção um pouco maior e tomando esse macrocampo da sua inteireza. E eu participei desde o princípio da confecção desse material. O material contou com a assessoria. O material a que me refiro é o material pedagógico que deu suporte a estruturação. Ele começou com a assessoria da professora Suraya Cristina Darido e do professor Fernando Jaime González, colaborando com a estruturação para pensar essa nova estrutura e como a gente poderia migrar. Algumas coisas foram mais complicadas estruturalmente, porque, por exemplo, o Programa Segundo Tempo já fazia uma estruturação balizada em profissionais de Educação Física ou pessoas em formação com a Educação Física. O Esporte da Escola por também compor um programa maior dentro do Ministério da Educação, que era o Mais Educação, permitia que um monitor fosse simplesmente alguma pessoa que fosse vinculada à dinâmica escolar e que não necessariamente fosse um profissional da área. Nessa estruturação algumas coisas tiveram que ser adaptadas. A própria noção de como se trata o esporte, não por modalidade, e sim por dinâmica tática, foi uma modificação que mexeu estruturalmente com a forma com que se ensina esporte, acho que não só dentro do Programa, mas de uma forma mais geral no Brasil. E aí, meu envolvimento começa exatamente nisso, desde o processo de criação de um suporte por fazer parte das Equipes Colaboradoras do Ministério do Esporte, eu colaborei um pouco nas reflexões que deram estrutura a proposta pedagógica do Esporte da Escola.

B.L. – Que atividades você desempenhava no Programa Esporte da Escola?

A.A. - Enquanto atividade dentro do Programa, eu sempre participei como membro de uma equipe pedagógica que no Programa Segundo Tempo, chamava Equipe Pedagógica 3 que atendia os convênios do Segundo Tempo e as escolas vinculadas ao Esporte da Escola nos Estados do Rio Grande do Norte e da Paraíba e algumas cidades também no Ceará. Então, minha função dentro dessa Equipe, a princípio, era vice-coordenador de Equipe, mas sempre fui formador, ficava responsável por avaliar projetos pedagógicos do Esporte da Escola, fazer a formação e acompanhar também algumas das atividades lá colocadas.

B.L. – Você participou de algum processo de capacitação ou cursos? Se sim, pode nos descrever como aconteciam os processos de capacitação que você participou?

A.A. - Eu participei de vários processos de capacitação e cursos, tanto onde eu era capacitado, sobretudo, quando o grupo de pesquisadores e professores no Brasil ainda estava se apropriando da nova estrutura que mudava um pouco a linguagem, a forma de pensar o ensino do esporte, quanto também como formador de profissionais que estavam envolvidos. Bem no princípio nós tínhamos cursos e foram em volume interessante, regionalizados e boa parte aqui na capital do Rio Grande do Norte, Natal. Nós compilamos várias formações em sequência, aqui na UFRN¹. E eu me lembro que foi um semestre extremamente cheio de atividades porque cada uma delas contava com um entorno de 100 pessoas e nós tivemos um montante significativo. Evidentemente também existiram em outros locais porque não era possível trazer todos os sujeitos envolvidos até aqui; então nós tivemos formação em Encanto, em Assú, em outras cidades do interior do Rio Grande do Norte. Todas tinham a mesma estrutura no que diz respeito aos conteúdos a serem trabalhados e no que diz respeito aos momentos de formação. Evidentemente eles se diferenciavam por elementos logísticos, por exemplo: disponibilidade de espaço físico ou de materiais, essas questões eram modificadas em regiões e regiões. Me lembrei especificamente de um primeiro curso, que ele foi inclusive um curso... Já tentando responder à questão mais a frente, que se teve alguma coisa que chama atenção... O curso que eu participei do Esporte da Escola, foi um curso inclusive piloto, que aconteceu na

cidade de Bayeux, na zona metropolitana de João Pessoa. Esse curso aconteceu antes mesmo do Programa ser lançado e era uma forma de tentar testar a estrutura pedagógica que estava sendo pensada nos livros do Esporte da Escola.

B.L. – Você realizou visitas para avaliar escolas que atuavam com o Esporte da Escola? Se sim, pode nos descrever como acontecia essa avaliação?

A.A. - Eu realizei poucas avaliações *in loco*, fiz muito mais do Segundo Tempo. E eu percebia uma fragilidade no processo de visitação por questões, para mim muito nítidas, que era a formação dos sujeitos, ao qual se colocava lá. Se a proposta pedagógica já era um avanço para estudantes e profissionais de Educação Física no pensar a reestruturação do ensino do esporte e que o avanço - não é que fosse algo difícil, mas era algo que superava um paradigma de como o esporte é colocado socialmente - imagine que uma pessoa que não teve essa reflexão anterior de uma crítica ao modelo esportivo. Então, muitas vezes a gente chegava em visitas e essas visitas não refletiam a proposta pedagógica do Esporte da Escola. Evidentemente que isso não é um privilégio somente do Esporte da Escola, isso acontece em "n" situações; na Educação Física Escolar, acontecia no Segundo Tempo; e evidentemente isso tem um período de amadurecimento para cristalizar uma nova forma de ensinar esporte, contudo, infelizmente o Esporte da Escola não teve tempo dessa maturidade, mas nós éramos sempre muito bem atendidos na escola, nós éramos aguardados como aquelas pessoas que poderiam colaborar com o processo e assim o fazíamos mesmo, mas a percepção era de fato de uma fragilidade muito severa nos processos pedagógicos.

B.L. – Aconteceu algum curso mais significativo que lhe marcou? Você pode nos contar por quê?

A.A. - Eu acho que o mais significativo para mim foi na cidade de Encanto, interior do Rio Grande do Norte. E ele foi significativo porque talvez seja uma experiência muito singular minha. Quanto menos espaço de formação as pessoas têm, mais sedentas por formação elas são; e como Encanto representa um território que talvez seja um território geograficamente mais distante da cidade do Natal, da capital, onde via de regra se estabelecem as maiores

¹ Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

conexões com outros espaços de formação, o grupo do Encanto era muito carente, e exatamente por isso faiscavam dos olhos desses sujeitos interesse por qualquer atividade ou depoimento ou ensinamento que pudesse sair da boca dos formadores. Eu lembro que nessa formação estávamos eu, a professora Maria Aparecida Dias, a professora Dandara², não me lembro se o professor Pereira³ estava... Foi muito interessante, porque ao mesmo tempo que existia uma disponibilidade muito grande dos sujeitos lá em formação, existia também uma percepção clara do interesse e o quanto isso motivava nós, formadores, em estarmos naquela formação, o que quase diluía o fator cansaço de se estabelecer mais de seis horas de viagem para chegar lá e também para voltar por consequência.

B.L. – Qual a sua opinião sobre a realização dos cursos de extensão do Esporte da Escola?

A.A. - A minha opinião é que eu entendo de uma demanda de uma política pública de dimensão nacional de tentar pluralizar as ofertas de formação o quanto fosse possível, mas eu entendo que ações como essa em alguma medida, quando a gente quantifica e pluraliza demais, a gente também perde a oportunidade de estabelecer uma qualidade desse debate. Com isso eu não estou querendo considerar que o processo dos cursos não era de qualidade, que se assim o fizesse, eu estaria jogando inclusive contra o meu próprio trabalho, não quero dizer isso, mas quero dizer que quando a gente trabalha com pessoas que não tem uma formação, ou seja, um *background* específico para trabalhar sobre o processo de ensino e aprendizagem no esporte, a gente também precisa de um tempo de maturar algumas ideias com essas pessoas, e eu acho que o processo dos cursos era um processo extremamente rico, mas ele conseguia muito mais despertar os sujeitos sobre outras formas do que de fato fidelizar neles uma ideia mais coerente ou coesa de como se ensina esporte na perspectiva do Programa Esporte da Escola.

B.L. – Que pontos você destacaria como positivos do Esporte da Escola?

A.A. - Para mim, o principal ponto positivo é porque ele quebra em sua proposta metodológica com uma estrutura, um modo operante de ensinar esporte que é tributário ainda do século passado, então assim, a representação social, as formas de ensino, as

² Dandara Queiroga de Oliveira Sousa.

³ José Pereira de Melo.

questões majoritárias de ensino do esporte ainda são de uma tradição do século passado e estou falando talvez da primeira metade do século passado; e a proposta metodológica do Esporte da Escola quebra com essa possibilidade, ao meu ver em dois aspectos: o primeiro aspecto, de uma compreensão de uma visão mais ampliada de esporte que não se restringe a um conceito tal como trabalhado na noção de esporte moderno, e assim, ele abre para outras noções de práticas corporais, inclusive práticas corporais não tão tradicionais da Educação Física, como atividades circenses por exemplo. Para mim, esse é um elemento que quebra uma estrutura e o outro aspecto é composto pelos esportes tradicionais; ele não coadunou com a tradição de ensino tecnicista, e nesse aspecto quando se usa uma estrutura de ensino que não parte da técnica para tática, mas o inverso da questão situacional tática para questão técnica, eu acho que isso é uma ruptura que apesar de não ter uma sofisticação tão absurda, tem uma implicação pedagógica severa. Então, talvez esse seja também um ponto positivo que eu acho fantástico na formação do Esporte da Escola.

B.L. – Quais foram as principais limitações e dificuldades que você encontrou no Esporte da Escola?

A.A. - Eu penso que é essa coisa do “aligeiramento” da formação e da dificuldade dos próprios sujeitos que estavam em formação. Muitas vezes eram pessoas que não tinham o Ensino Médio, eram pessoas com o Ensino Fundamental, um ex-atleta que já vinha com um ranço de uma representação de esporte anterior ou um pai de algum aluno, algum conhecido da diretora, enfim... Todos esses elementos, ao meu ver, fragilizam o processo legítimo de formação para o ensino do esporte, para mim essa era a maior dificuldade.

B.L. – Na sua opinião, o Esporte da Escola cumpria o papel de inclusão social? Por quê?

A.A. - Eu acho que ele colabora. Dizer que ele cumpre o seu papel de inclusão social é algo muito severo, porque a inclusão social não se dá apenas pela prática corporal, muito menos por uma prática corporal específica, que é o esporte. A inclusão social é um movimento, uma demanda muito mais ampla que vem também por outros elementos. Talvez então a pergunta não fosse se o Esporte da Escola cumpriu seu papel de inclusão social, mas se o Mais Educação, ao colaborar com o processo educacional, colabora com o processo de inclusão social. E infelizmente, pegando esse bojo muito mais amplo, eu acho

que ainda estamos caminhando, acho que a resposta não pode ser sim, mas também não pode dizer que não fizemos nada, estamos caminhando. Eu penso que é muito difícil afirmar que o esporte cumpre seu papel de inclusão social porque botou alguns garotos para aprender alguma modalidade ou alguma questão, por mais pedagogizada que tenha sido essa ação. Acho reducionista pensar dessa forma.

B.L. - Professor Allyson, o senhor gostaria de fazer mais alguma consideração sobre o Esporte da Escola?

A.A. - Eu gostaria de dizer que o Esporte da Escola teve a sua importância para a área, e acho que a sua principal contribuição são as obras que ficam dele porque, infelizmente, nos campos de intervenção a gente vê pouco reverberação dele hoje em dia. Na época em que ele estava em plena atividade até víamos mais, mas a própria produção de conhecimento vinculada a ele, hoje tributa a formação de novos profissionais de Educação Física. E aí eu acho que esse elemento é um elemento que merece destaque, ou seja, ele cumpriu um papel social de mobilização da área e das ações, eu penso que é isso.

B.L. - Obrigada por sua contribuição, professor Allyson!

[FINAL DA ENTREVISTA]